

Híbridos Verdes e a *Brassolaeliacattleya* Ports of Paradise 'Green Ching Hua' AM/AOS.

Carlos Keller
carlosgkeller@terra.com.br

Resumo: No início da busca por híbridos com flores verdes foram usadas formas albinas de algumas espécies brasileiras de *Cattleya* bifoliadas e também *Rhyncholaelia digbyana*. Com o passar do tempo, foram definidos alguns "híbridos-chave" para serem usados como matrizes, que tornaram possível conseguir-se um bom produto (plantas com flores inteiramente verdes, com boa forma e tamanho) em menos gerações. *Brassolaeliacattleya* Ports of Paradise 'Green Ching Hua' AM/AOS é um destes produtos bem sucedido e muito premiado. O futuro dos híbridos de *Cattleya* verdes aponta para dois caminhos: o convencional, sempre procurando flores grandes com boa forma e o não convencional, usando outras espécies do grupo para criar híbridos verdes com novas formas que atraiam os colecionadores.

Palavras-chave: *Cattleya*, *Rhyncholaelia*, híbridos, verde.

Abstract: "Green Hybrids and the *Brassolaeliacattleya* Ports of Paradise 'Green Ching Hua' AM/AOS". When the search for hybrids with green flowers started, hybridizers used albino forms of some Brazilian bifoliate species of *Cattleya* and also *Rhyncholaelia digbyana*. As time passed, it was possible to define some "key hybrids" to be used as mother plants. Using them, good products (plants with flowers entirely green, with good shape and size) were obtained in fewer generations. *Brassolaeliacattleya* Ports of Paradise 'Green Ching Hua' AM/AOS is one of these good products receiving a lot of prizes. The future of green hybrids of *Cattleya* is pointing to two lines: the conventional, which always look for large flowers and good form, and the non-conventional, which uses other species of the group to create green hybrids with new shapes to attract orchid lovers.

Key words: *Cattleya*, *Rhyncholaelia*, hybrids, green.

Sempre foi ambição dos hibridadores norte-americanos fomentar o desenvolvimento de novas cores em híbridos de orquídeas. Os europeus, mais conservadores, mantiveram o gosto pelas flores liláses e também pelas brancas, buscando apenas melhorar a sua forma. Além do lilás típico das plantas da natureza, as variedades de cor sempre foram muito almejadas pelos cultivadores, na tentativa de se criar híbridos com novas colorações. Flores brancas para "corbeilles" de casamento, vieram da variedade alba, principalmente da *Cattleya warscewiczii* alba 'Firmin Lambeau'. As flores amarelas vieram é claro, da *Cattleya dowiana* aurea e as vermelhas da *Sophronis coccinea* e também de algumas laelias rupícolas. Chegou então a hora de se tentar obter as flores verdes. Para isso, os hibridadores tiveram que recorrer às poucas fontes de verde disponíveis, que foi a *Cattleya granulosa* e as variedades albinas de algumas *Cattleyas* bifoliadas. Muito antes dos colecionadores do Brasil começarem a dar importância às variedades albinas das cattleyas pequenas, esses hibridadores do exterior já as

coleccionavam, com o intuito de criar a partir delas os híbridos verdes. Na *Cattleya granulosa*, eles buscaram as chamadas “verdes”, pois não tinham certeza se aquelas eram apenas variações individuais verdes ou se na realidade eram uma variedade semi-albina. Mostro fotos da *Cattleya granulosa* verde ‘Claire’ AM/AOS (fig.1) e uma *Cattleya bicolor* albina (fig.2), como ilustração.



Fig.1 - *Cattleya granulosa* ‘Claire’ AM/AOS.

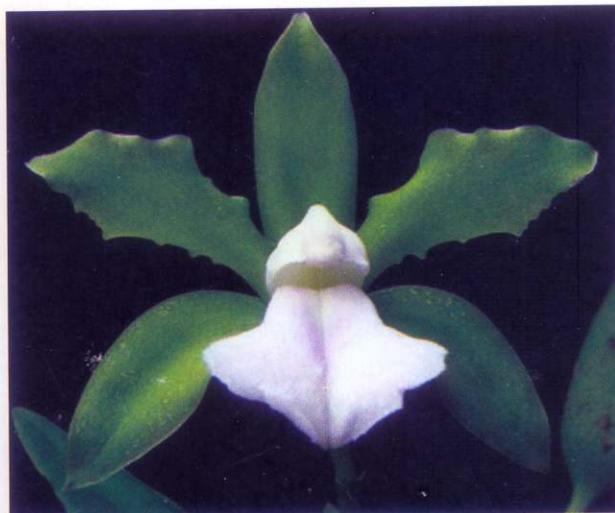


Fig.2 - *Cattleya bicolor* albina.

O importante para que uma orquídea de flor verde produza filhos verdes é que ela não possua manchas escuras ou máculas grandes nos seus segmentos florais. As albinas não possuem essas máculas, daí a busca por elas. As verdes e as semi-albinas também dão filhos verdes, mas em menor proporção e geralmente com o labelo colorido. Como eu já disse acima, a *Cattleya granulosa* foi a primeira escolha devido ao seu maior tamanho, mas os hibridadores buscaram também outras cattleyas menores, como por exemplo, a *Cattleya forbesii* albina, a *Cattleya bicolor* albina e a *Cattleya bicolor* semi-albina. Posteriormente conseguiram a *Cattleya leopoldii* albina e por fim a *Cattleya guttata* albina. Vejam nas fotos o verde puro dos segmentos florais: *Cattleya forbesii* albina (fig.3), *Cattleya leopoldii* albina (fig.4). As *Cattleya guttata* albina (fig.5) e *Cattleya bicolor* semi-albina ‘Beta’ (4n) (fig.6) ilustradas correspondem à variedade alba e semi-alba das liláses.



Fig.3 - *Cattleya forbesii* albina.



Fig.4 - *Cattleya leopoldii* albina.



Fig.5 - *Cattleya guttata* albina.

a *Rhyncholaelia digbyana* toda verde para usar como matriz e uma delas muito usada foi o clone 'Mrs. Chase' AM/AOS. Não sei dizer se esse clone (assim como os similares) é da variedade albina ou se é apenas uma variação verde do tipo, mas o certo é que a maioria dos seus filhos sai verde, enquanto que os filhos das formas com manchas nas sépalas saem coloridos. O clone de *Rhyncholaelia digbyana* que dá a maior porcentagem de filhos verdes é o 'Laura' AM/AOS, acreditando-se que esse seja realmente um indivíduo albino. Tecnicamente falando, o pigmento indesejável que colore as flores manchadas da *Rhyncholaelia digbyana* (e também das demais espécies) e é responsável pela descendência rosada ou amarronzada dentre outras cores, chama-se antocianina, também muito presente na *Cattleya granulosa*. Mostro fotos da *Rhyncholaelia digbyana* comum, com segmentos florais bege rosados (fig.7) e o clone totalmente verde ('Mrs. Chase') (fig.8).

Outra adição à busca de híbridos verdes foi a *Rhyncholaelia digbyana* (ex *Brassavola digbyana*, o conhecido "B" da abreviação *Blc.*), a qual segue a mesma regra da ausência de máculas para dar filhos verdes. Na *Rhyncholaelia digbyana*, as manchas geralmente aparecem na parte de trás das sépalas, sendo que essas flores manchadas possuem a parte da frente das pétalas e sépalas na cor bege rosado, ligeiramente esverdeado. Buscaram então



Fig.6 - *Cattleya bicolor* semi-albina 'Beta' (4n).



Fig.7 - *Rhyncholaelia digbyana* comum, com segmentos florais bege rosados.

Começar do zero com orquídeas espécie para se chegar ao híbrido final, não é fácil. São várias gerações a se percorrer. As espécies de orquídeas geralmente possuem segmentos florais finos, não possuem a boa forma dos híbridos consagrados e carregam muitas características indesejáveis que precisam ser



Fig.8 - Clone totalmente verde, *Rhyncholaelia digbyana* 'Mrs. Chase'.



Fig.9 - Blc. Fortune 'Spellbound' AM/AOS.

filtradas. Isso demanda muito tempo e esforço. O exíguo espaço disponível nas estufas também é um fator limitante. Descobriu-se então um atalho. Alguns híbridos que estavam no meio do caminho, carregavam em si a faculdade de transmitir aos seus filhos, as características da espécie que o originou lá no início, sem, no entanto, passar aos descendentes as características indesejáveis dessa espécie. Ao usar um desses "híbridos-chave" como matriz, pulam-se várias gerações e é possível conseguir um bom produto de imediato. Só a prática e a observação é que permitem a detecção desses híbridos a que me refiro, pois na aparência eles são comuns, não se sobressaindo em



Fig.10 - *Lc.* Amber Glow 'Magnificent'.

nada aos seus similares. Não são muitas as matrizes-chave que podem ser usadas em hibridação. Para a cor verde, a primeira a ser usada foi a *Blc.* Xanthette (1948), a qual, com 50% de *Cattleya dowiana*, também foi muito usada para se obter a cor amarela. O clone 'Chartreuse' é o mais indicado caso se queira obter a cor verde em particular. Uma filha famosa da *Blc.* Xanthette 'Chartreuse' é a *Blc.* Memoria Helen Brown. O híbrido mais

consagrado como boa matriz na obtenção de cores verdes, no entanto, é a *Blc.* Fortune (1963). O clone 'Spellbound' AM/AOS, além de tons pastéis de amarelo e laranja, também produz uma boa porcentagem de filhos verdes se a outra matriz assim o permitir. Este clone, quando foi cruzado com a *Cattleya* Horace, produziu a *Blc.* Goldenzelle (1982). A grande vantagem, no entanto, é que esses filhos já saem com um bom tamanho e boa forma, coisa que as matrizes espécie albinas não dão à prole imediatamente. Lembre-se que essas espécies albinas possuem flores pequenas com segmentos florais "magros". A *Cattleya bicolor*, ao que parece, é dentre elas a que confere aos seus descendentes as melhores e mais largas pétalas. O que eu disse acima vale também para as demais matrizes-chave das outras cores e formas. Vou citar aqui mais duas delas: a *Lc.* Amber Glow (1952, com 75% de *Cattleya dowiana*) transfere aos filhos a característica principal da *Cattleya dowiana aurea*, que é a cor amarela, livrando os orquidários produtores de terem que lidar com uma espécie tão enjoada em cultivo. A *Cattleya* Moscombe (1963) transfere aos filhos a peloria do trilabelismo, característica recebida da *Cattleya intermedia aquinii*, livrando-os em parte de características negativas como pétalas fechadas, estrangulamento na ponta das pétalas e tamanho de flor pequeno a médio. Na verdade ela transmite uma espécie de flameado exagerado, que é o que os hibridadores realmente buscam quando a escolhem. Os filhos da *Cattleya* Moscombe



Fig.11 - *Cattleya* Moscombe.



Fig.12 - *Rhyncholaeliocattleya* Golf Green.

quando bem cultivados, apresentam flores grandes, com pétalas planas, ostentando lindas cores “splash” (manchas grandes). Curiosamente a *Cattleya* Moscombe possui apenas 12.50% de *Cattleya intermedia* aquinii, mas isso já é o suficiente neste híbrido para sedimentar as pétalas “aquinadas” nos seus descendentes. As outras espécies que compõem a sua genealogia são as que garantirão a boa forma e o grande tamanho das flores. Mostro fotos da *Blc.* Fortune ‘Spellbound’ AM/AOS (fig.9), a *Lc.* Amber Glow ‘Magnificent’ (fig.10) e a *Cattleya* Moscombe (fig.11). São elas três matrizes-chave poderosas, que respectivamente dão: cor verde, cor amarela e peloria (flameado, aquinii, trilabelismo, etc.). Mostro também foto de um híbrido entre *Rhyncholaelia digbyana* e *Cattleya* Moscombe, a *Rhyncholaeliocattleya* Golf Green (fig.12), da qual ‘Hair Pig’ é o clone mais conhecido.

Para muitos a Figura 12 é de uma *Rhyncholaelia digbyana* trilabelo. No fundo até que a flor é quase isso mesmo, só que ela chegou aí por outro caminho que não a mutação direta que causa essa peloria. Quem fez com que as pétalas se assemelhassem ao labelo foi a *Cattleya* Moscombe. Essa é a sua finalidade, é para isso que ela é usada e isso ela herdou da *Cattleya intermedia* aquinii. Os genes da mutação são transferidos aos seus descendentes, sem que a *C.* Moscombe apareça. Notem que as pétalas são planas e não são uma cópia integral do labelo. Notem também que o tubo do labelo é mais fechado e mais comprido do que na espécie natural e a borda do labelo é menos “peluda” do que na flor da espécie. Existe uma mancha em forma de linha vertical no centro do labelo, o qual possui no disco um discreto rosado. Uma *Rhyncholaelia digbyana* trilabelo não teria nada disso. Seria bem mais imperfeita na forma, mas seria uma espécie

pura, uma inestimável matriz. Esta da foto, por outro lado é linda, já está toda “arrumadinha” e pronta para ser clonada e comercializada. Uma vez que dentro dela existem genes de muitas outras espécies, ela não é confiável como matriz, pois o resultado poderá ser variado e inesperado demais. É claro que ao se cruzar a *Rhyncholaelia digbyana* com a *Cattleya* Moscombe, muitos monstrenços devem ter florido na sementeira, mas no meio deles saiu essa maravilha (fig.12), a qual foi devidamente separada e meristemada. Daí a importância dos orquidários comerciais em possuírem estufas enormes, pois assim eles poderão abrigar todos os seus seedlings, sem ter que vendê-los por falta de espaço. Dessa maneira os proprietários poderão esperá-los florir, para então separar pela flor os indivíduos mais interessantes comercialmente.

A criação do híbrido *Blc.* Ports of Paradise foi uma espécie de “Ovo de Colombo”. A solução estava ali, mas ninguém percebia. Foram os hibridadores do Stewart Orchids que a encontraram. Há muito tempo se tentava obter uma flor toda verde concolor e de tamanho grande, mas até aquele momento não se tinha conseguido isso. A *Blc.* Fortune era parte da solução do enigma, pois ela sempre gerava alguns filhos verdes na sementeira, com boa forma e bom tamanho, mas nunca totalmente verde concolores. Cruzá-la com outro híbrido complexo só aumentaria a possibilidade de sair mais cores nas flores dos filhos. Cruzá-la com uma das matrizes albinas de espécie pura disponíveis, diminuiria o tamanho das flores. Eles estavam empacados. Foi aí que eles devem ter percebido que



Fig.13 - *Blc.* Ports of Paradise ‘Gleneyrie’s Green Giant’.

a *Blc.* Fortune tem pouca porcentagem de *Rhyncholaelia digbyana* na sua genealogia. Na verdade são apenas 4.69%. O resto são várias outras espécies de *Cattleya* e *Laelia*, com quase 60% de *Cattleya dowiana*. Eles devem ter desconfiado que nesse caso específico, a capacidade de gerar filhos verdes era proveniente mais da mistura de todas as matrizes envolvidas, do que de uma influência forte daquela pequena porcentagem *Rhyncholaelia digbyana*. Cruzá-la novamente com a *Rhyncholaelia digbyana*, usando-se dela um exemplar verde sem

manchas, um exemplar comprovadamente reputado por dar filhos verdes, talvez adicionasse uma forte carga de verde aos descendentes desse cruzamento. E foi o que aconteceu... Em 1970 o Stewart Orchids orgulhosamente registrava no RHS e também apresentava ao público, a *Blc.* Ports of Paradise, com flores enormes, verde concolores, pétalas acetinadas e labelo aveludado. Foi um sucesso! Os juízes da AOS devem ter ficado deslumbrados com a novidade, tal foi o número de clones que receberam alta pontuação nos julgamentos. Dois deles, o clone ‘Gleneyrie’s Green Giant’ e o clone ‘Emerald Isle’, receberam um FCC/AOS cada, o primeiro com 93 pontos em 1973 e o segundo com 90 pontos em 1978. Seguem fotos dos dois clones citados (fig. 13 e 14).



Fig.14 - *Blc.* Ports of Paradise 'Emerald Isle'.

Como vocês podem ver, as flores são impressionantes, mas elas não possuem qualidade técnica suficiente para lhes garantir nos dias de hoje, tão alta pontuação. O deslumbramento dos juízes da AOS também caiu ao longo do tempo, pois embora as flores tenham melhorado na forma, elas perderam na pontuação. Esse ano floriu em casa o clone 'Green Ching Hua', mais novo, que apesar de ser muito superior aos clones acima mostrados, recebeu da AOS apenas um AM, o que para essa flor já é uma ótima premiação. Os clones usados no cruzamento foram o 'Spellbound' AM/AOS para a *Blc.* Fortune e



Fig.15 - *Blc.* Ports of Paradise 'Green Ching Hua'.

o 'Mrs. Chase' AM/AOS para a *Rhyncholaelia digbyana*. Mostro fotos da floração de 2011 (fig. 15 e 16).

O clone 'Green Ching Hua' AM/AOS difere um pouco dos precedentes, pela melhor forma da flor e pelo labelo diferenciado, que é bem acinturado, em forma de violino ou "istmo". O labelo também tem uma coloração ligeiramente mais clara que o resto da flor, tendendo ao verde limão, enquanto que a flor é verde maçã.



Fig.16 – detalhe do labelo de *Blc.* Ports of Paradise 'Green Ching Hua'.

Qual será o futuro dos híbridos verdes? Eu acho que existem dois caminhos: um é o caminho tradicional, o qual continuará tentando obter o sempre melhor e definitivo repolhão verde. O segundo caminho é menos clássico e mais ousado e visa buscar flores diferenciadas do padrão comercial. Essas seriam as flores esquisitas, parecidas com plantas espécie, atípicas, destinadas ao mercado dos orquidófilos que querem fugir do convencional. Para se trilhar esse segundo caminho, novas matrizes serão necessárias e elas estão surgindo de maneira lenta, incipiente, mas constante.

Falarei primeiramente do caminho convencional: Não existe muita ousadia nessa opção tradicional a se seguir. Uma vez que a base dessa trilha geralmente é o cruzamento entre um híbrido-chave complexo, conhecido por dar filhos verdes e uma matriz espécie que também dê filhos verdes, a única coisa a se fazer é buscar cada vez mais matrizes espécie de boa qualidade. Os híbridos-chave complexos a que me refiro, geralmente são meristemas e, portanto, não podem ser mudados. Eles são o que são para sempre. A busca por melhores matrizes espécie levou os orquidários produtores a buscarem versões tetraplóides das matrizes verdes conhecidas. Surgiram nas coleções algumas lindas *Cattleya granulosa* verdes tetraplóides, cujo clone mais conhecido é o 'Breckenridge Lime' AM/AOS (fig.17). Surgiu também uma fantástica *Cattleya bicolor* semi-albina tetraplóide de nome clonal 'Green Magic' AM/AOS (fig. 18).

Uma *Cattleya leopoldii* albina tetraplóide, ainda sem nome clonal, apareceu recentemente no mercado dos EUA e está sendo usada com sucesso na hibridação. Infelizmente, a maioria dos lindos híbridos que estão surgindo a partir dessas matrizes espécie tetraplóides, dá em um beco sem saída. Eles acabam ali e não vão dar em nada para o futuro. Ao se cruzar uma matriz tetraplóide (4n) com outra diplóide (2n), muitas vezes o resultado é um híbrido triplóide (3n), muito florífero, mas normalmente estéril. Os que não são estéreis têm uma fertilidade muito baixa, o que os inviabiliza como matriz. O sonho do repolhão verde, uma versão verde da *Cattleya Bow Bells*, pelo jeito



Fig.17 - *Cattleya granulosa* 'Breckenridge Lime' AM/AOS (4n).

Brown, híbrido criado por eles em 1967. Perceberam que ela, assim como a *Blc.* Fortune, também possui uma porcentagem pequena de *Rhyncholaelia digbyana* na sua genealogia (4.69%) e que além de 30.47% de *Cattleya dowiana* dentre outras, ela possui 25% de *Cattleya granulosa*, sendo provavelmente a *Cattleya dowiana* e *C.granulosa* as responsáveis pela sua cor verde, muito mais do que a *Rhyncholaelia digbyana*. A história se repetia e uma tentativa



Fig.18 - *Cattleya bicolor* semi-albina 'Green Magic' AM/AOS (4n).



Fig.19 - *Blc.* Memoria Helen Brown 'Sweet Afton' AM/AOS.

não é tão fácil de conseguir como se pensava. O jeito foi voltar para a base e tentar refazer o caminho de sucesso do passado. Iniciou-se a procura por novos híbridos-chave para serem usados como matrizes, cruzando-os com as matrizes espécie disponíveis. Resolveram tentar achar uma nova *Blc.* Fortune, até então a melhor matriz conhecida para híbridos verdes. O Stewart Orchids, sempre pioneiro na cor verde, começou a fazer testes com a *Blc.* Memoria Helen

de cruzamento com a *Rhyncholaelia digbyana* era a melhor opção, num cruzamento similar ao que gerou a *Blc.* Ports of Paradise no passado. O resultado foi muito bom e dele surgiu a *Blc.* Magic Meadow, registrada em 1982 e cujo clone mais conhecido, o 'Napoleon', pode ser encontrado com facilidade à venda nos principais orquidários comerciais do país. Segue a foto da *Blc.* Memoria Helen Brown 'Sweet Afton' AM/AOS (fig. 19) e da *Blc.* Magic



Fig.20 - Bc. Magic Meadow 'Napoleon'.

and Summer e, em 1975, obtiveram a Bc. Pennsylvania Spring, com uma linda flor concolor de substância pesada, não tão grande quanto a Bc. Ports of Paradise, mas com um número grande de flores por haste, um novo segmento dentro do mesmo setor. Em 1989 o clone 'Orchidglade' recebeu da AOS um AM de 81 pontos (fig.21-22). A Bc.



Fig.21 - Bc. Pennsylvania Spring 'Orchidglade' AM/AOS.



Fig.22 - Bc. Pennsylvania Spring 'Orchidglade' AM/AOS.

Meadow 'Napoleon', sua filha (fig.20). Vejam que houve uma melhora substancial na cor e na forma.

Outras tentativas de sucesso na obtenção de híbridos verdes concolores foram feitas pelo Stewart Orchids, orquidário com muito interesse nesse caminho. Nas sucessivas tentativas de achar novas Matrizes-chave, eles cruzaram com a *Rhyncholaelia digbyana* 'Mrs. Chase' AM/AOS a Bc. Spring

Pennsylvania Spring passou então, a ser muito usada como matriz na obtenção de novos híbridos verdes.

A busca por novas e melhores matrizes espécie nunca para e elas estão sempre surgindo aqui e ali, ou através de cruzamentos ou através de indivíduos mutantes encontrados na natureza. Uma nova variedade de *Rhyncholaelia digbyana* chamada de "fimbripetala" veio a



Fig.23 - *Rhyncholaelia digbyana* var. fimbripetala.

indivíduos uma orla rosada ao redor das pétalas, chamada de “picotee”. Foram obtidos através de cruzamentos, indivíduos da variedade fimbripetala totalmente verdes, sem as máculas atrás das sépalas e sem a orla ao redor das pétalas. Mostro fotos de uma *Rhyncholaelia digbyana* var. fimbripetala (fig.23) e uma *Blc.* Ports of Paradise ‘GGG’ (fig. 24), clone novo. Nesse clone foi usada como matriz a *Rhyncholaelia digbyana* var. fimbripetala, cruzada, é claro, com a *Blc.* Fortune. Vejam o progresso!

Uma vez que o aparecimento de novas e melhores matrizes espécie surge de maneira lenta, mas inexorável e a busca por novos híbridos-chave para com elas fazer cruzamentos também continua, a última opção a se seguir na busca pelo híbrido verde convencional é fazer experiências de cruzamento, dessa vez entre dois híbridos. Os pioneiros nessa opção são os taiwaneses, que aparentemente têm o costume de trabalhar mais por tentativa e erro do que por dedução. Mão de obra barata e clima favorável fazem com que o espaço em estufa não seja um problema, então o jeito é “tentar esse com aquele” e ver no que dá. Dentre os inúmeros insucessos e os sucessos medíocres, surgem às vezes resultados deslumbrantes. Um deles é a *Blc.* Hwa Yuan Grace (registrada por C. H. Hsieh em 1998), que é um cruzamento entre *Blc.* Memoria Helen Brown e *Cattleya* Moscombe. O poder da *Cattleya* Moscombe em induzir uma suave peloria e com isso alargar as pétalas, fez com que esse novo híbrido que surgiu do cruzamento acima fosse o mais próximo do que se chegou até



Fig.24 - *Blc.* Ports of Paradise ‘GGG’.



Fig.25 - *Blc.* Hwa Yuan.

agora do repolhão verde. Como vocês podem ver nas figuras 25 e 26, as flores são grandes, planas, possuem uma boa substância e as pétalas são enormes e redondas. Realmente essa é uma flor espetacular. O flameado das pétalas também é reflexo da peloria induzida pela *Cattleya* Moscombe, repetindo ali a cor do labelo.

A modernização na aparelhagem que faz a climatização nas estufas proporcionou que áreas onde antes o cultivo de orquídeas era restrito ou quase inexistente por conta do clima adverso, como Europa, norte dos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, pudessem agora sustentar orquidários particulares. Pessoas que antes apreciavam as orquídeas apenas por intermédio de flores cortadas compradas no florista, passaram agora a comprar vasos de orquídea floridos, vasos esses cujas plantas não mais seriam descartadas após a floração e poderiam ser cultivadas para se obter florações também nos anos seguintes. Hoje em dia já se pode construir no fundo do quintal e a baixo custo, um pequeno orquidário com o ambiente totalmente controlado. Também já é possível fazer-se adaptações em uma janela clara e espaçosa, convertendo-a em um mini orquidário climatizado. Para os mais ousados, é possível transformar um cômodo inteiro da casa, em um orquidário com iluminação e climatização totalmente artificiais. O frio abaixo de zero e os dias curtos e escuros, não são mais um problema insolúvel para o cultivo amador de orquídeas. É claro que os grandes orquidários comerciais já fazem isso há bastante tempo e com gastos mensais altíssimos em aquecimento e iluminação, mas estamos falando aqui dos pequenos cultivadores e as suas plantinhas, não os produtores, mas sim os clientes. O gosto pessoal de um orquidófilo é diferente e mais sofisticado do que o da pessoa que compra uma orquídea na porta de um supermercado e visa apenas enfeitar uma sala. É um gosto mais apurado e mais eclético, onde as flores menores, mais exóticas e esquisitas têm o seu lugar cativo. O mercado orquidófilo, é claro, reagiu a essa nova demanda e os orquidários produtores começaram a considerar matrizes de espécies que antes não eram cogitadas, como *Encyclia*, *Euchile*, *Epidendrum*, *Brassia*, etc, para criar flores não convencionais.



Fig.26 - *Blc.* Hwa Yuan Grace.

Quando se busca uma prole verde, com exceção da *Euchile mariae*, as demais espécies têm que ser da variedade albina para se evitar a presença da indesejável antocianina que tinge de rosa a cor dos filhos. A própria *Rhyncholaelia digbyana*, quando cruzada com espécies menores como as de *Brassavola*, produz lindíssimos híbridos verdes, como por exemplo, a *Rhynchovola* (ex *Brassavola*) Jimminey Cricket (*Rhyncholaelia digbyana* x *Brassavola nodosa*) (fig. 27-28).

Começamos uma nova era de híbridos, dessa vez para satisfazer os clientes de gosto mais sofisticado. Esse é o segundo caminho dos híbridos verdes, o **caminho não convencional**. A busca pelas variedades albinas de flores dos gêneros acima citados, de preferência para serem cruzados com híbridos de *Cattleya*, levou os orquidários a terem na coleção de matrizes, plantas como das fotos: *Encyclia alata albina* (fig.29), *Encyclia cordigera albina* (fig.30) e *Epidendrum stamfordianum albino* (fig.31).



Fig.27 - *Rhynchovola* (ex *Brassavola*) Jimminey Cricket.



Fig.28 - *Rhynchovola* (ex *Brassavola*) Jimminey Cricket.



Fig.29 - *Encyclia alata albina*.



Fig.30 - *Encyclia cordigera albina*.

um indivíduo albino (não possui antocianina), não é preciso usar-se exemplares da variedade albina para se obter híbridos verdes. A forma tipo já é suficiente. Com isso, ficou mais fácil a obtenção de matrizes. Mostro a *Euchile mariae* na forma natural, um híbrido dela com *Cattleya intermedia* alba e mais um híbrido dela com a *Rhyncholaelia digbyana* 'Mrs. Chase' AM/AOS. A flor da *Euchile mariae* é pequena, variando de 5 a 8 cm de diâmetro, mas as flores dos híbridos feitos com ela costumam ser grandes.

Seguindo a mesma tendência da *Euchile mariae*, o uso do *Epidendrum pseudopidendrum* como matriz na obtenção de híbridos verdes foi um verdadeiro sucesso. O fato de a flor ser basicamente

Híbridos verdes belíssimos resultaram do emprego de matrizes como as das espécies as quais me referi acima. Mostro três deles: *Epicattleya Siam Jade* 'AVO' (*C. Penny Kuroda* x *Epc. Vienna Woods*) (fig.32), *Epilaeliocattleya Merry Green* 'Green Pride' (*Epc. Vienna Woods* x *Lc. Ann Follis*) (fig.33) e *Epilaeliocattleya Mae Bly* 'Ching Hua Splash' AM/AOS (*Euchile mariae* x *Lc. Ann Follis*) (fig.34).

Uma grata surpresa foi o uso em hibridações da *Euchile mariae*, antes tratada como *Epidendrum mariae* e *Encyclia mariae*, o que fez com que as abreviações dos híbridos com ela feitos ainda entrem como *Epidendrum*, como *Eplc.* para *Epilaeliocattleya*, por exemplo. Orquídea de clima temperado e de regiões altas do noroeste do México, essa lindíssima espécie de pétalas e sépalas verdes e labelo branco imaculado é uma planta pouco vista nas coleções do Brasil. O nosso clima tropical quente só permite o seu cultivo pleno em regiões serranas e no sul do país. Por ter as mesmas cores que teria



Fig.31 - *Epidendrum stamfordianum albino*.

verde, tendo apenas o labelo vermelho, fez com que um exemplar tipo da natureza possa atuar como um indivíduo semi-albino nos cruzamentos, pois a indesejável antocianina não está presente nos segmentos da flor. Esse *Epidendrum* é geneticamente dominante sobre a outra matriz, diminuindo e radicalizando a forma dos seus descendentes. Mostro a foto do *Epidendrum pseudepidendrum* (fig.38) na forma tipo, natural, e a foto da



Fig.32 - *Epicattleya Siam Jade 'AVO'* .

Epicattleya René Marques 'Flame Thrower' HCC/AOS (*Epidendrum pseudepidendrum* x *Cattleya Claesiana*) (fig.39). A *Cattleya Claesiana* por sua vez é um híbrido registrado em 1916 entre *Cattleya intermedia* e *Cattleya loddigesii*. A flor do híbrido, embora se parecendo muito com o *Epidendrum pseudepidendrum* na forma, é bem maior do que este.

A propagação da orquidofilia pelo mundo, com a consequente "abertura" da mente dos

clientes compradores de orquídea, agora orquidófilos e não meros compradores de flores cortadas usadas para decorar ambientes, fez com que a aparência dos híbridos comercializados pudesse se libertar das amarras do convencional e partisse para a diversidade de formas, tamanhos e cores. A partir de agora, como se diz: "o céu é o limite". Por mais estranha e atípica que seja uma flor, sempre aparecerá um comprador que a aprecie. Isso torna o futuro dos híbridos verdes muito promissor, pois nos híbridos de cor verde é onde existe a maior diversidade de forma. A evolução depende agora da descoberta na natureza ou até em cultivo, de mutações geradoras da variedade albina em

novas espécies naturais. À medida que essas novas variedades albinas ou verdes (sem o pigmento antocianina que colore a prole) vão sendo descobertas e aos poucos vão entrando no mercado, fica também possível aos orquidários comerciais e seus híbridoadores talentosos refazerem



Fig.33 - *Epilaeliocattleya Merry Green 'Green Pride'* .



Fig.34 - *Epilaeliocattleya* Mae Bly 'Ching Hua Splash' AM/AOS.



Fig.35 - *Eucharis mariae*.

na forma albina ou verde, híbridos já feitos anteriormente. Mostro duas orquídeas “botânicas” que recentemente surgiram no mercado e vêm a confirmar o que estou dizendo acima: *Brassia Rex* “Waiomao Spotless” FCC/AOS (fig.40) e um *Psychopsis papilio* albino (fig.41). A *Brassia Rex* sem pintas é a nova sensação dos híbridos verdes e já possui um FCC da AOS, a maior premiação que uma orquídea pode receber. Já o *Psychopsis papilio* albino, começou a aparecer no mercado no início da década de 2000 e hoje é bem acessível aos cultivadores, às vezes até mais acessível do que a forma tipo. As folhas da forma albina não possuem o zebreado cor de ferrugem tão característico da espécie e as flores são mais delicadas, tendo pouca substância.

Híbridos bizarros já poderão ter a sua versão verde, antes mesmo deles serem bem conhecidos no mercado. Podemos ver uma foto de um híbrido ainda não registrado, feito pelo hibridador Victor Pantin, do Paya Orchids, da Venezuela, o qual é um cruzamento entre *Psychopsis papilio* e *Brassia Rex*. O nome genérico do híbrido é *Psychassia* e a sua abreviatura é *Phs*. As duas matrizes originadoras desse cruzamento podem ser vistas nas figuras 40 e 41, mas as utilizadas no cruzamento ilustrado pela figura 42 foram indivíduos da forma tipo.

Para finalizar, quero dizer aqui que enquanto alguns hibridadores buscam o novo e o inusitado, como essa *Psychassia* (fig.42), outros continuam metodicamente no caminho tradicional, em busca do repolhão verde. Matrizes muito complexas já estão sendo usadas e um dos resultados é uma *Potinara* Kat Green Power ‘Big Triple G’(fig.43),



Fig.36 - *Euchile mariae* x *Cattleya intermedia* alba.

com 0.78%, mas já é o suficiente para a alteração do nome genérico de *Brassolaeliocattleya* (Blc.) para *Potinara* (Pot.).

No que concerne aos híbridos verdes, o mais importante do ponto de vista de todo o segmento da orquidofilia é o fato dos cultivadores e clientes estarem se acostumando a ver a cor verde, não como uma cor



Fig.37 - *Euchile mariae* x *Rhyncholaelia digbyana* 'Mrs. Chase' AM/AOS.



Fig.38 - *Epidendrum pseudepidendrum*.

registrada em 2003 pelo orquidário Kendolie Agri-Tech, de Taiwan e é um cruzamento entre Blc. Ports of Paradise e Pot. Golden Square. Embora pareça estranho, essa é sim uma *Potinara*, isto é, ela é uma mistura onde entra *Cattleya*, *Laelia*, *Rhyncholaelia* e *Sophronitis* sendo, portanto, um híbrido que pode ser considerado complexo. A *Sophronitis* entra nele apenas

menor, que se confunde com as folhas, mas sim como uma lindíssima e moderna adição às cores tradicionais. O roxo, o vermelho, o branco e o amarelo, agora têm a companhia da cor verde nas listas de venda de híbridos. O verde é sinônimo de chique, sofisticado e simples, uma nova concepção, onde menos é mais.



Fig.39 - *Epicattleya* René Marques 'Flame Thrower' HCC/AOS.



Fig.40 - *Brassia* Rex 'Waiomao Spotless' FCC/AOS.

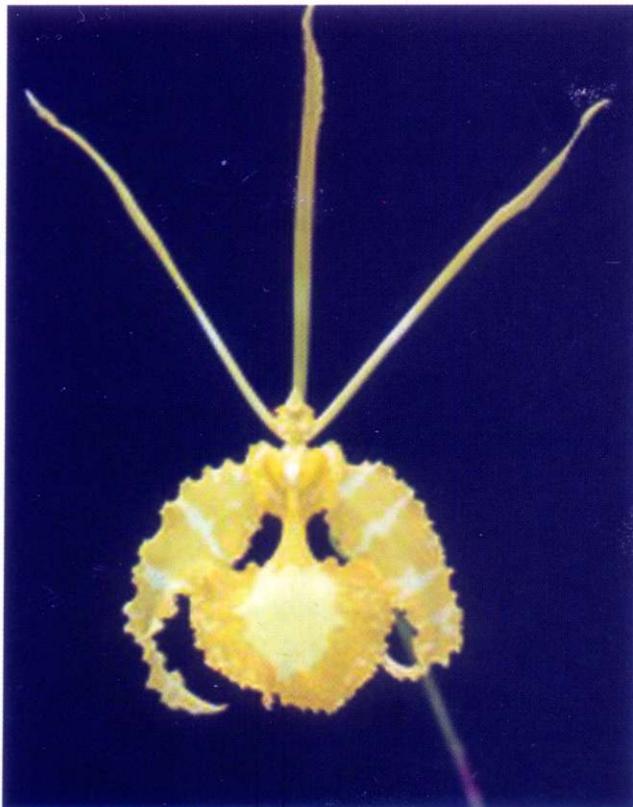


Fig.41 - *Psychopsis papilio* albino.



Fig.43 - *Potinara* Kat Green Power 'Big Triple G'.



Fig.42 - *Psychopsis papilio* x *Brassia* Rex.

Crédito das fotos: A maioria das fotos aqui apresentada são de minha autoria, feitas de plantas floridas pertencentes à minha coleção particular. Algumas poucas foram retiradas da Internet e os créditos estão citados à seguir (à partir do início do texto): A *Cattleya granulosa* verde 'Claire' AM/AOS (fig.1) pertence à coleção particular do conhecido orquidófilo de Chicago, EUA, William Rogerson e Claire é o nome da sua filha. A *Cattleya bicolor* albina (fig.2) estava ilustrando uma lista de venda de orquídeas sem os devidos créditos, mas depois vim a descobrir que o autor da foto é o falecido Carlos Tatsuta, o qual foi um grande orquidófilo e renomado cultivador de *Platyserium*. Ela pode ser vista no Flickr Photo Sharing do autor. A *Cattleya leopoldii* albina (fig.4) esteve no site de vendas do Odom's Orchids da Flórida. A *Cattleya guttata* albina (fig.5) foi por mim fotografada na exposição de abril de 2008, que ocorreu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Lá ela foi premiada com um primeiro lugar e o dono da planta e expositor é o orquidófilo, membro da OrquidaRio, Paulo Pancotto. A *Cattleya bicolor* semi-albina 'Beta' (fig.6), assim como a *Cattleya bicolor* semi-albina 'Green Magic' AM/AOS (fig.18), são meristemas feitos pelo orquidário Carter & Holmes dos EUA e são amplamente difundidos em cultivo e na Internet. A *Cattleya granulosa* 'Breckenridge Lime' AM/AOS (fig.17) também é um meristema amplamente difundido, produzido pelo Breckenridge Orchids, de Carolina do Norte, EUA. O *Epidendrum stamfordianum* albino (fig. 31) é foto de autoria da minha companheira de lista Degelaine Narezzi, a qual me autorizou seu o uso. A *Brassia Rex* 'Waiomao Spotless' FCC/AOS (fig.40) é produto do Kawamoto Orchids do Havaí e a foto estava ilustrando a venda desse híbrido no E-Bay. O *Psychopsis papilio* albino (fig.41) é muito comum na Internet e esta foto é do Kaler Orchids, de Coral Springs, Florida. A foto da *Psychassia* (fig.42) me foi cedida pelo amigo da Venezuela, JJ Grieco, por ocasião do envio de um exemplar desse híbrido para a minha coleção.

Futuro Fertil

Distribuidora dos Fertilizantes

Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

**ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br**